

CAPÍTULO 9

Encruzilhadas de memórias LGBT em contextos pandêmicos, ou sobre duas histórias de solidão e confinamento

Milton Ribeiro

“Pode me abraçar sem medo.
Pode encostar tua mão na minha...”

Final Feliz (Jorge Vercillo)

|

Este breve ensaio é a primeira tentativa de considerar uma possível aproximação entre a epidemia de HIV/aids e a pandemia de covid-19, interpretando duas *threads*¹ que circularam no Twitter em 2020. Quando narradas por homens

1. Os “fios” são postagens conectadas que narram uma história e/ou informação em sequência.

gays mais novos que as personagens dos relatos, essas histórias acabam por conectar paisagens de memórias de um passado recente e do presente pandêmico. Os pânicos morais quando colocados em perspectiva e relacionalmente em contraste com as narrativas evidenciam a circulação não apenas dos vírus, mas de episódios de medo, solidão e confinamento cotidianos. Portanto, os dois relatos a seguir dimensionam reflexivamente o impacto do isolamento social, da fissura nas relações diárias, da sociabilidade agora fragmentada e da necessidade de cuidado de si entre diferentes gerações de homens *gays* e estabelecem panoramas diferentes entre estas escrevivências:² uma que distancia e aproxima os dois contextos epidêmicos partindo da visão dos mais jovens e uma outra narrativa que entrelaça sofrimento e duração entre os mais velhos, quando aponta o recrudesimento do preconceito e da discriminação contra grupos em vulnerabilidade no Brasil. As escrevivências, neste texto, centram-se na possibilidade de “escrever vivências” (ou “escrever de nós”) em uma aglutinação de palavras que nos permita pensar as narrativas escolhidas na sua intersecção com gênero, sexualidade e geração – porém, no contexto original, o uso se referia especificamente à intersecção entre gênero e raça. As duas narrativas são marcadas por perspectivas e anseios distintos em termos de tempo e espaço, e esse será o ponto de inflexão para pensar as memórias de pessoas LGBT sobre as epidemias de HIV/aids e da covid-19.

2. Uso o termo escrevivências em referência direta à proposta da escritora negra mineira Conceição Evaristo, elaborada no Seminário “Mulher e Literatura”, em 1995 (Evaristo, 2020, p. 49).

O caráter de *microblog*, pelo qual ficou conhecido o Twitter no início, quando foi criado em 2006, e a possibilidade de fazer postagens em 140 caracteres – agora ampliada para 280 e permitindo construir mensagens encadeadas, os famosos “fios” – ajudavam a condensar narrativas e torná-las menos integradas. Porém, devido aos novos arranjos da plataforma a partir de 2017, hoje é possível expandir os limites de um único *tweet* e construir narrativas mais longas, que podem ter continuidades e durar até meses e anos. E foi assim, salvando e acompanhando as respostas aos fios originais que fiquei interessado em escrever algo sobre as duas postagens: o primeiro fio publicado em 17 de abril de 2020, por Pavinatto (2020b), e o segundo feito em 17 de junho de 2020 – com uma complementação da história feita em 15 de agosto de 2020 –, publicado por Carvalho (2020a, 2020b). Neste texto, acabo por separar as postagens de junho das feitas em agosto pelo mesmo autor apenas porque nesta última há o desenrolar trágico daquela história.³

A transcrição literal desses *tweets* enseja uma reflexão ética e metodológica sobre os limites do público e do privado, uma vez que essas narrativas estão nos perfis pessoais de cada um dos autores; porém, ainda continuam *online* e com

3. Agradeço imensamente a Maurício Carvalho, que autorizou o uso da história neste texto, em maio de 2023, e que também me informou que as duas partes dessa narrativa se transformaram em um conto presente na antologia *(Des)encontros em contos*, organizada por Fábio Figueiredo Camargo e publicada pela editora O sexo da palavra, em 2021. Apesar do contato com Tiago Pavinatto, ele ainda não retornou as mensagens, porém decidi manter o “fio”, porque também foi publicado integralmente (com uma pequena introdução) pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em 18/4/2020, sob o título “Bello ciao, bello ciao, bello ciao, ciao, ciao” (Pavinatto, 2020a).

engajamento contínuo, visto que registraram uma importante intersecção entre diferentes pandemias e lograram efeitos e reações na comunidade LGBTQIA+, considerando os milhares de comentários em cada uma das publicações. Mas esses *tweets* já se tornaram públicos além do Twitter, pois serviram de base para dois outros materiais: uma publicação *online* em coluna de jornal de grande circulação e uma antologia de contos publicada por editora comercial. Assim, à época das escolhas desses “fios”, a intenção era que eles servissem como documentos (e no futuro como monumentos) de uma “página infeliz de nossa história”, como diria Chico Buarque, trazida pela pandemia de covid-19, em 2020.

De forma didática, o capítulo encontra-se dividido em seis seções que apresentam as duas histórias em separado para que, ao final, seja possível conectá-las com base nas dimensões descritas acima, que aproximam ambos os contextos social e historicamente. Fez-se necessária também a exposição dos *tweets*⁴ originais, que copiei das publicações: o primeiro contendo quase 30 mil curtidas e quase 5 mil *retweets*;⁵ e o segundo com quase 60 mil curtidas e quase 8,5 mil *retweets* – sem contar a segunda parte da história que trouxe o desfecho e contou com quase 50 mil curtidas e mais de 5 mil *retweets*. Pretendo ao final, com a publicação deste livro, retornar às pessoas autoras desses “fios” este ensaio e tentar mobilizar assim uma prática de restituição tão cara ao disciplinamento antropológico contemporâneo (Rial, 2014).

4. O nome dado às postagens (ou “post”) no Twitter, exclusivamente.

5. O nome dado aos compartilhamentos no Twitter, exclusivamente.

A seguir, tentei reproduzir o primeiro *tweet* do *thread* como elemento imagético-narrativo de aproximação da pessoa leitora com esta rede social e, principalmente, para que sejam apresentadas as primeiras percepções e relações nele contidas: uma possível conexão entre contextos sociais e históricos distintos vividos durante a epidemia de HIV/aids, nos anos 1980, e posteriormente com a pandemia de covid-19 a partir de março de 2020.

Tiago Pavinatto

@Pavinatto

Um amigo meu, também gay, no alto dos seus sessenta e poucos anos e profundamente deprimido, no telefone desabafou: "Eu que nasci, aliás, todos nós gays que nascemos até o início dos anos 70, nascemos muito mal. Viver o auge da nossa sexualidade entre os anos 80 e meados dos 90 🗑️"

8:23 AM · 17 de abr de 2020 · Twitter for iPhone

O início acima, narrado por sobre os ombros de um interlocutor *gay* mais velho no perfil de seu amigo também *gay* e mais novo, serve-me como fagulha inicial no desenrolar da minha trama antropológica cujo intento aqui é re-

fletir sobre a dinâmica de sociabilidade e vida nas médias e grandes cidades frente à pandemia de covid-19, o distanciamento e o isolamento social.⁶ Assim sendo, o primeiro *tweet* evidencia a maldição que foi nascer até o início dos anos 1970, uma vez que o auge da sua experiência geracional em termos homossexuais apenas pôde ser vivido “entre os anos 80 e meados dos 90”. A memória “profundamente deprimida” desse homem “no alto dos seus sessenta e poucos anos” o faz associar os efeitos negativos experimentados na dupla epidemia/pandemia como “um pesadelo”.

Eu tomei a liberdade de reproduzir esse relato, primeiramente, para pensarmos a possibilidade de refletir sobre este momento único para uma geração mais velha que, diferentemente da minha geração (que está chegando aos 40 anos), passa por algo inédito na sua forma de experimentar a cidade, a sociabilidade e o modo de vida gay. E, em segundo, por achar que esse relato traz à tona uma experiência geracional de alguém que experimentou o pânico homossexual causado pela epidemia de HIV/aids nos anos 1980 e que, depois, vivenciou novas práticas de isolamento e pânico moral causadas pelo coronavírus.

6. Em texto anterior, apontei algumas das inúmeras dificuldades que se apresentaram desde o início da pandemia de covid-19, em seu avanço pelo Brasil, e os impactos para pesquisas sobre sexualidades dissidentes (Ribeiro, 2019). Também afirmei que foram diante de “telas (de televisões, computadores, celulares, tablets e outros meios de transmissão da imagem e do som) que vimos o ano de 2020 passar diante das nossas percepções” (Ribeiro, 2021, p. 15).

Tiago Pavinatto @Pavinatto · 17 de abr de 2020
foi um pesadelo. Além do preconceito por sermos gays, evitávamos, às vezes entre nós mesmos pela ignorância sobre a AIDS, o contato com nossos colegas doentes. Quando o amor e a compaixão falavam mais alto, passávamos nós também, não infectados, a viver um isolamento social: 🙅

No segundo *tweet* (acima), o narrador mais novo continua expondo os pontos da conversa, que rapidamente apresentam as encruzilhadas de memórias entre a dupla epidemia/pandemia: o preconceito experimentado pela ignorância sobre o que era o HIV/aids que levou a geração dele ao primeiro isolamento social. Esse temor, medo e pavor permitiram que “não infectados” se afastassem dos “nossos colegas doentes”, ou seja, o pânico causado pela possível contaminação fazia com que:

Tiago Pavinatto @Pavinatto · 17 de abr de 2020
ao lado de um amigo ou namorado doente, restava ficar em casa curando feridas ou num hospital onde médicos e enfermeiros, na maioria das vezes, tinham receio em tocar no paciente, ou, ainda, nas ruas encarando o distanciamento (e julgamento) das pessoas... [e aí começou chorar] 🙅

O léxico epidêmico contido no relato do amigo mais velho espraia-se de “pesadelo”, “preconceito”, “ignorância” e “iso-

lamento" para "receio", "distanciamento" e "julgamento", como mostra a postagem acima. E, nesse momento, o homem de "sessenta e poucos anos" irrompe em choro ao lembrar dos momentos mais fúnebres desse passado recente:

Tiago Pavinatto @Pavinatto · 17 de abr de 2020
sem contar os incontáveis velórios... Pavi, você tem ideia do é enterrar um amigo? Alguém da sua idade que era ser companheiro de aventuras, eco das suas risadas e ombro pras suas tristezas? Inumar o amigo mais velho que foi seu suporte para encarar a vida gay? Sepultar, ainda, 🙄

Tiago Pavinatto @Pavinatto · 17 de abr de 2020
aquele amigo mais novo, às vezes bem mais novo, que tínhamos como filho, nosso protégée? Ainda corta meu coração. Ainda sinto a dor. Ainda choro quando vejo alguma foto.
E trabalho? Era extremamente difícil. As portas do Mercado estavam fechadas pra nós; pelos menos as ditas 🙄

Tiago Pavinatto @Pavinatto · 17 de abr de 2020
profissões tradicionais. Tínhamos que esconder a sexualidade (até 90 e poucos uma doença)... se ficávamos doentes então... era o fim em todos os sentidos.
Meu amigo, vivi esse inferno por quinze anos. Vivi o isolamento por 15 anos. Vivi a morte por 15 anos. Vivi o risco do 🙄

O ponto relativo aos velórios, enterros e lutos narram as fraturas nas experiências de sociabilidade de homens *gays* jovens nos idos dos anos 1980 e que agora se veem diante de novas despedidas, que “cortam meu coração”. Lembraças de catástrofes pessoais e coletivas que vitimavam tanto o “companheiro de aventuras” quanto o “*protégée*”. E ainda que estivesse padecendo e perdendo amigos para a epidemia de HIV/aids, havia a dificuldade de trabalhar, que encontrava um ônus sob o signo da sexualidade dissidente, com “portas fechadas pra nós”. Naquele momento, era preciso “esconder a sexualidade”, pois “até 90 e poucos uma doença” – e “se ficávamos doentes então... era o fim em todos os sentidos”. Nesse ponto, podemos perceber os mecanismos de vulnerabilidade social se abrindo para essas experiências sexo-dissidentes, uma vez que ser *gay* era sinônimo de pessoa vivendo com HIV ou, na condição negativa e preconceituosa construída na época, *aidético*.

Tiago Pavinatto @Pavinatto · 17 de abr de 2020

desemprego por 15 anos.

A História é macabra comigo... com todos os *gays* da minha idade.

O sol nasceu e orgulho e a alegria de ser *gay* e viver a homossexualidade eram possíveis... Mas, para nós se-xagenários, septuagenários (se é que existam muitos), esse sol, essa alegria não 🙄

A história macabra continua com a narrativa sobre o “inferno”, o “isolamento”, a “morte” e o “risco do desemprego” vivido “com todos os *gays* da minha idade” em longa duração: “por 15 anos”. Essa narrativa de duração e sofrimento acompanha os anos 1980 e meados dos anos 1990 e traz à tona a memória da perda, do fim de vínculos de afeto, companheirismo e solidariedade, da ruptura com o presente. No entanto, o “sol nasceu” e o interlocutor pode entender que com base nas primeiras respostas à epidemia do HIV/ aids, com a administração de medicamentos antirretrovirais, por exemplo, ainda nos idos dos anos 1990, era possível ter “orgulho e alegria” em ser *gay* e “viver a homossexualidade” como um modo de vida. Porém, “esse sol, essa alegria não durou 25 anos”. E então, o relato começa a aproximar as duas experiências epidêmicas/pandêmicas, pois os sexagenários e septuagenários *gays* (“se é que existam muitos”) são agora “grupo de risco”, isolados e sozinhos, como aponta o *tweet* a seguir:

Tiago Pavinatto @Pavinatto · 17 de abr de 2020
durou 25 anos.

Nessa pandemia, somos grupo de risco. Mais uma vez estamos isolados e, como a maioria de nós nunca se casou ou teve filhos, sozinhos. Voltamos a encarar o distanciamento de segurança, voltamos ao luto (sem possibilidade de velório), voltamos ao medo da miséria, 🙏

O trinômio velório, enterro e luto volta a fazer parte do cotidiano desse homem gay de sessenta e poucos anos e, aliado ao trinômio isolamento, distanciamento e solidão, faz ressurgir um terceiro trinômio: temor, medo e pavor. Todos esses trinômios se relacionam às inúmeras perdas, no passado e no presente. Este último trinômio aciona também a possibilidade da falta de recursos materiais:

Tiago Pavinatto @Pavinatto · 17 de abr de 2020

pois a maioria de nossa geração é autônoma. Enfim, voltamos ao medo... inclusive ao medo do sexo com a desconfiança (e prudência) de que um poderá infectar o outro.

Esse desabafo, Pavi, é porque perdi um amigo. Ele sobreviveu ao HIV, mas sucumbiu ao COVID.

Nós gays de 60 ou mais 🙄

O medo foi o catalisador das experiências de homens gays que agora são septuagenários: o medo do sexo, o medo da perda do amigo pelo HIV/aids ou pela covid-19, o medo de ficar sem recursos financeiros, o medo que a solidão trouxe consigo como duração, presença e como fantasma que assombra o nascer do sol, o orgulho e a alegria de ser quem se é. Acompanhando este relato trágico, já no fim, podemos entender quem são os “Jós da modernidade”, espremidos entre a dupla epidemia/pandemia que modificaram as estruturas sociais para sempre – tanto em horror quanto em desgraça.

Tiago Pavinatto @Pavinatto · 17 de abr de 2020

somos os Jós da modernidade.

Meus poemas prediletos eram do Bandeira, do Drummond e do Quintana... poemas coloridos, poemas reconfortantes, cheios de afeto.

Infelizmente, são somente os poemas preferidos.

O poema de nossas vidas, que o destino tornou icônico, é de Castro Alves: 🙌

Tiago Pavinatto @Pavinatto · 17 de abr de 2020

'Quem são estes desgraçados

Que não encontram em vós

Mais que o rir calmo da turba

Que excita a fúria do algoz?

Quem são? Se a estrela se cala,

Se a vaga à pressa resvala

Como um cúmplice fugaz,

Perante a noite confusa...

Dize-o tu, severa Musa,

Musa libérrima, audaz!... 🙌

Tiago Pavinatto @Pavinatto · 17 de abr de 2020

Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, Senhor Deus,

Se eu deliro... ou se é verdade

Tanto horror perante os céus?!...'"

E, pela primeira vez depois de um longo tempo, chorei.

Um pouco diferente da seção anterior, aqui, reduzirei o número de apresentações de *tweets*, visto que os dois fios que compõem o conjunto dessa narrativa foram maiores que o anterior, que contou com apenas 12 postagens. O primeiro teve 24 *tweets* e o segundo 18, totalizando 42 postagens que narram a vida de seu vizinho de condomínio em um intervalo de tempo de dois meses entre as duas exposições naquela rede social.

A vida aqui narrada parte também da perspectiva de um homem *gay* mais novo que apresenta a vida de seu vizinho, chamado por ele de Roberto. A perspectiva que aparece também é a da diferença geracional: uma apresentação da vida do outro que mobiliza todas as distâncias possíveis para construir um relato de longe – e de dentro, apesar das diferenças etárias. O artifício da marcação das distâncias/diferenças talvez tenha seguido no sentido de tornar a narração mais objetiva, menos pessoalizada e, portanto, com menos julgamento. Mas sabemos que as representações do outro sempre escolhem um lado, e quase sempre esse lado é eivado de interpretações nossas (de quem percebe), ou seja, o “outro” acaba sendo um “eu” projetado naquilo que constituímos como diferente, distante e estranho (Hall, 2016).

Mauricona

@Maucarvalho

Um dos moradores aqui do prédio é gay (deve haver outros, enfim, são 02 blocos e 64 apartamentos) mas digo isso porque oficialmente ele sempre foi 'o morador gay do prédio' Mora aqui desde os anos 80.

4:29 AM · 17 de jun de 2020 · Twitter Web App

A primeira diferença é construída na representação de Roberto como o “morador *gay* do prédio”. Uma diferença constitutiva da existência dele naquele condomínio, uma vez que era dessa forma que as demais pessoas moradoras daquele lugar se referiam a ele, inclusive o pai do narrador. É importante ressaltar que essa é uma das marcas que desqualificam as sexualidades dissidentes e quem delas compartilha algum símbolo, traço ou experiência; e isso será um termômetro para medir as relações de preconceito e discriminação pelas quais Roberto passará ao longo de sua vida – visto sempre como “o do contra” nas reuniões condominiais, por exemplo.

Mauricona @Maucarvalho · 17 de jun de 2020

Ele tem no mínimo uns 25 anos a mais que eu e toda vez que o encontrava no elevador, ele me dizia um 'oi' e perguntava do meu pai. Eu dizia tudo bem e ele mandava eu enviar um abraço. Eu agradecia e pronto. A conversa se resumia a isso.

Mauricona @Maucarvalho · 17 de jun de 2020

O pessoal do prédio não gostava muito dele. Eu nem sabia o que era homofobia ainda e encarava tudo como má vontade do povo, sei lá. Nas reuniões de condomínio (eu gostava das treta), ele sempre era o 'do contra'.

A marca diferencial de geração entre o narrador e Roberto é de 25 anos. E ambos moram no mesmo condomínio desde os anos 1980, pelo menos. Encontravam-se esporadicamente no elevador, mas sempre se tratando de forma cordial; embora Roberto não fosse uma unanimidade. Em um desses encontros, Roberto encontrou o narrador com uma camiseta da Madonna e daí trocaram gravações de shows em fitas VHS – o que estabelece inclusive um diferencial geracional e narrativo entre este que conta a história de Roberto e sua audiência, percebida por ele como talvez mais nova: “Na época o mundo era analógico e digital só havia o relógio”.

Mauricona @Maucarvalho · 17 de jun de 2020

Meu pai nunca quis muita conversa com ele. Mais de uma vez o vi reclamando em casa do 'viado do Roberto que falava merda na reunião do condomínio' Moradores e porteiros comentavam da bicha do 301, que levava homem pro apto. E eu encantado por tamanha 'independência' e afronta.

Mauricona @Maucarvalho · 17 de jun de 2020

Nunca vi ou soube de qualquer problema com ele. O que eu sabia era o que se dizia: a bicha solteirona, chata, que saía de noite e voltava de madrugada, às vezes acompanhado. Passados os anos, vida corrida, a gente acaba mal vendo o povo do prédio.

A história avança para as percepções sobre Roberto construídas no condomínio, vistas sempre partindo do prisma das homossexualidades em suas conotações preconceituosas: o “viado”, a “bicha”, a “bicha solteirona”. É desse lugar de representação construído para Roberto que o narrador começa a perceber que o modo de vida que o vizinho levava estava diretamente relacionado à experiência homossexual: uma vida de “independência e afronta”, que “saía de noite e voltava de madrugada, às vezes acompanhado” e “que levava homem pro apto”.

A partir daquele momento, a vida dos dois se desencontram, mas a pandemia voltou a colocar Roberto no radar do narrador. Este ainda morador do apartamento da mãe e do pai, mesmo depois da separação do casal e da saída das/os irmãs/os mais velhas/os de casa. E, após muitos anos e muitas mudanças nas vidas de ambos, ele avista Roberto já “velhinho” antes do estabelecimento das medidas de segurança contra a covid-19:

Mauricona @Maucarvalho · 17 de jun de 2020

Qual não foi minha surpresa, ano passado e depois de muito tempo sem vê-lo pelo prédio, avistei Roberto velhinho, sem o andar rápido que ele tinha, sentado numa cadeira, olhando fixo pra rua. Quietos. Ao lado dele uma moça de branco.

O processo de envelhecimento de Roberto é visto pelo narrador com assombro: o vizinho perdeu o “andar rápido” e agora olha “fixo pra rua”. Além disso, agora é acompanhado por “uma moça de branco”. O que aconteceu com Roberto é descoberto em conversa com o porteiro: após uma cirurgia malsucedida para operar um glaucoma, o vizinho acabou por perder a visão dos dois olhos. O relato depois desse momento começa a ganhar ares de reflexividade, pois é encarado pelo narrador como um lugar de tristeza e solidão, conforme o seguinte *tweet*:

Mauricona @Maucarvalho · 17 de jun de 2020

Eu fiquei tão arrasado quando soube. Me fez pensar como a velhice pode ser cruel e ainda mais entre os gays. Aquilo me deixou alguns dias desalentado. E toda vez que passo por ele, está lá, sentado, em silêncio, às vezes conversa com a cuidadora.

Depois desse relato há um salto temporal, que não fica muito evidente de quanto tempo foi, e Roberto aparece à

porta do narrador completamente perdido, “de pijama” porque resolveu dar uma volta pelo condomínio e se perdeu. Agora, ele não conta mais com a ajuda da “moça de branco”, que era sua cuidadora, pois ela havia morrido de câncer três meses antes. E ele, Roberto, encontra-se agora cego, sozinho, sem companheiro, sem filhos e sem família próxima. Tudo isso é colocado em perspectiva para o narrador, que neste ponto já é identificado também como o “morador gay do prédio” – pelo menos pelo porteiro.

Mauricon @Maucarvalho · 17 de jun de 2020

O porteiro sabe de tudo: ‘às vezes ele não bate muito bem depois que ficou cego. Não tem ninguém. Num casamento, num teve filho (me olhando com aquela cara de ‘tá vendo?) A cuidadora morreu de câncer faz 03 meses. Tem 02 irmãos de campina grande que num gostam muito dele”

“Mas e quem cuida dele?” é a pergunta que o narrador se faz e que, por extensão, nós nos fazemos também, não é? Então, Roberto vive sozinho e conta com a ajuda de vizinhas/os, dos porteiros e do síndico: as/os primeiras/os cuidam de sua alimentação (“Um morador faz café, almoço e jantar e leva no apto dele”) e da limpeza do apartamento (“empregada de um dos moradores dá uma geral na casa”), os segundos “ficam ligados quando ele desce” e o último “vai lá uma vez ao dia”; além das contas serem pagas pelo “gerente do itaú”, e dos “moradores do andar, [que] ao me-

nor sinal [de que ele saiu do apartamento], já dão o alerta". É com essa rede de apoio que Roberto conta, pois a família vive na Paraíba. E assim a vida de Roberto é construída com a ausência da visão, de amizades e de companhia cotidiana. O "confinamento" de Roberto encruzilha-se em várias memórias, do passado e do presente, e se materializa quando articulamos modos de vida dissidentes, os distanciamentos das diferenças e a solidão nas médias e grandes cidades.

Mauriconá @Maucarvalho · 17 de jun de 2020

Lembrei do comentário do porteiro: "ele é intrigado com a família, acho que não gostam dele, também nunca vi amigo aqui" Pensei em confinamento; não esse atual, mas outros. Cuidem-se. Cuidemo-nos. Exercitem seus afetos.

IV

Quase dois meses depois que conheci Roberto por meio dos *tweets* acima, em 15 de agosto de 2021, veio o desenrolar de sua história em novo fio, feito pelo mesmo narrador. Este, logo de início, falou sobre a repercussão das postagens anteriores e da rede de solidariedade que se formou, com pessoas querendo saber sobre os cuidados com Roberto dali em diante. E, em seguida, começa a refletir acerca da solidão partindo de si – de "nós", pessoas LGBT.

Mauricono @Maucarvalho · 15 de ago de 2020

E toda a preocupação com a situação dele reflete entre nós, LGBTs, pela questão da velhice – o medo de ficar sozinho, desamparado de alguma forma. É real e bem cruel. E acho que particularmente pra nós é um sentimento que vai rondando toda a vida.

O desenrolar de sua investigação pessoal sobre o presente de Roberto esbarra em poucas informações, vindas dos porteiros e de algumas pessoas moradoras que auxiliam o vizinho cego e solitário. Porém, ele já contava com nova cuidadora durante a semana, e “um vizinho ajudava com a cozinha e uma ou outra coisa”; mas a “família, pelo que soube, era de fato afastada”. O desconforto com a cegueira, pelo que foi relatado por Roberto a um porteiro, fazia-o temeroso de “que alguém o seguisse e adentrasse seu apto”. Sozinho, saía pelos corredores, se perdia e, quando o achavam, reclamava que queria alguém para conversar – isso ocorreu uma vez às 7 horas da manhã, o que talvez fosse reflexo da perda da noção de tempo, como demonstra o narrador. Nesse ínterim, houve também uma mobilização de moradoras/es, preocupadas/os com a atual situação de Roberto, que reuniram documentos, incluindo uma filmagem, para denunciar ao Ministério Público sua situação de abandono.

Eu não consigo ler o restante dos *tweets* sem chorar, pois desde que tomei conhecimento dessa história passei a viver nela, afinal sou um homem *gay* de quase 40 anos – idade dos dois narradores das histórias aqui apresentadas e que

serviram de base para as considerações que apresentei até aqui. No entanto, não consigo avançar sem emocionar-me profundamente e, devido a isso, deixo com vocês os últimos *tweets* dessa história de solidão e confinamento.

Mauricona @Maucarvalho · 15 de ago de 2020

Os finais dos domingos são melancólicos, são inseguros. O entardecer, como disse Maria Bethânia, 'é uma passagem, a troca de guarda na Terra'. Nem dia, nem noite. O meio – o instável. E aí finalmente escurece.

Mauricona @Maucarvalho · 15 de ago de 2020

Mas não amanheceu. Me pergunto o que se passou, se foi um delírio. Lembrei da sala, os discos todos ali organizados – silenciosos. Passou o Fantástico, talvez não tenha esperado, talvez não quis...ouvir. Da sala para o quarto. Silêncio. As paredes, as quinas – cuidado com elas.

Mauricona @Maucarvalho · 15 de ago de 2020

Na escuridão, veio o choque. Foi um barulho tão grande, que os moradores que acordaram no susto pensaram ser a queda de um grande vaso de plantas. Roberto lançou-se na escuridão, sem freio, sem vista (segundos); firme, como o chão que parou toda aquela agonia. Estouro. Silêncio.

Mauricon @Maucarvalho · 15 de ago de 2020

...

Naquela mesma segunda-feira, mas agora já era noite, as luzes do apartamento de Roberto estavam acesas. A família tinha chegado por lá.

V

É notório que a pandemia de covid-19 trouxe novas práticas de viver coletivamente, uma vez que a atenção e o cuidado de si resvalam nas condições de saúde e bem-estar de pessoas próximas. Limpar as mãos com álcool em gel ou lavar com água e sabão, usar máscaras em lugares fechados e com pouca circulação de ar, praticar o distanciamento em lugares públicos e, nos casos específicos, o isolamento social foram as formas encontradas para driblar a contaminação. Ainda não sabíamos quais eram as maneiras mais eficazes de impedir que o vírus se proliferasse, mas as saídas apontadas tinham surtido efeito no coletivo.

No entanto, o que quero chamar atenção nesta última seção nada tem a ver com medidas profiláticas de contenção do coronavírus, mas justamente algo que ele fez com que não mais acontecesse: impediu pessoas de experimentarem o espaço público por tempo indeterminado. Esse processo afetou, em especial, a vida da população LGBT, principalmente porque as formas de sociabilidade mais comumente vividas por nós têm relação direta com o uso de bares e boates como modo de vida (noturna).

Em uma tentativa de não estender demais essa questão, trago algumas referências sobre esse assunto para explorar brevemente: a) o texto clássico de Nancy Achilles (2011), *The development of the homosexual bar as an institution*, de 1967; b) o famoso ensaio de Gayle Rubin (2017), *Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade*, de 1984; c) o livro de Kath Weston (1991), *Families we choose: gays, lesbians, and kinship*; d) o artigo de Matthew Johnson e Claude Summers (2015), *Gay and lesbian bars*, de 2005; e) o artigo escrito por Carmem Izabel Rodrigues e por mim, *Na rua, na praça, na boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA* (Ribeiro; Rodrigues, 2012); f) o artigo de Regina Facchini, Isadora Lins França e Camilo Braz (2014), *Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos*; g) o artigo escrito por Bruno Puccinelli (2014), *Como encontrar um “gueto gay”: possibilidades analíticas de uma expressão controversa*; e h) o artigo de Isadora Lins França, Regina Facchini e Maria Filomena Gregori (2016), *Ville et différence: les études sur l'érotisme et la diversité sexuelle et de genre au Brésil*.

Nesses textos, é possível observar que parte do constituinte das relações (e da identificação como) homossexuais, das sexualidades não conformadas à heteronorma e da dissidência sexual e de gênero ocorre em relação com os espaços de sociabilidade, como bares e boates. Achilles (2011, p. 2, tradução minha) afirma que “os bens e serviços fornecidos pelo bar são adequados às necessidades da comunidade homossexual. O serviço mais importante que ele fornece é um local onde a interação social pode existir; sem

esse lugar para se reunir, o grupo deixaria de ser um grupo". Rubin (2017, p. 105) afirma que os "processos de ocupação de comunidades por parte de minorias eróticas, assim como as forças que buscam inibi-las, levam a conflitos quanto à natureza e aos limites das zonas sexuais". Esse excerto é parte do debate da autora sobre a conformação de "mundos sexuais marginais" (p. 106) e a territorialidade de "homens gays, prostitutas e algumas travestis" nas grandes cidades e como isso leva essa população a confrontos com policiais "a fim de defender sua presença em determinadas ruas, parques e becos" (p. 107). Ainda de acordo com a autora, "há qualidade de vida dentro do gueto" (p. 107).

O livro de Weston (1991), em especial o capítulo 5, traz uma discussão sobre o sentido de comunidade, que ela chama de multifacetado por ser referir às instituições históricas ou à totalidade de pessoas que se autodefinem como LGBT ou à identidade sexual comum manifestada, e que tem como ponto de partida o uso do espaço público, mais especificamente do bar: "muitas vezes em contraste com o 'isolamento', a comunidade é submetida a um dos primeiros sentidos de sair do armário: fazer uma estreia pública em um bar *gay*" (Weston, 1991, p. 400, tradução minha). Johnson e Summers (2015) mapeiam experiências de estabelecimentos voltados à sociabilidade gay e lésbica antes mesmo do século XX – alguns romances e filmes ajudam a compor essas cenas anteriores. Mas é durante os anos 1970 que veremos de forma mais óbvia a expansão desses espaços de sociabilidade:

Durante os anos 1970, o escopo da vida institucional *gay* e lésbica em áreas urbanas diversificou-se a uma extensão até então inimaginável. Mesmo no setor comercial, as empresas não estavam mais restritas a bares, mas agora incluíam restaurantes, livrarias, eventos especiais e uma imprensa amplamente expandida (Johnson; Summers, 2015, p. 5, tradução minha).

Extrapolando os limites do Norte Global, volto-me para os textos sobre a especificidade dos usos dos espaços à brasileira: primeiramente, olhando para a pesquisa que desenvolvi durante o mestrado e percebendo ligações entre a experiência de jovens LGBT que usavam os espaços de sociabilidade como mediadores nas construções de suas subjetividades e na identificação positiva com a comunidade (Ribeiro; Rodrigues, 2012); e, em segundo, observando a análise de Puccinelli (2014, p. 171) sobre as duas possíveis formas de encarar o famigerado “gueto *gay*”: ora como “um espaço reconhecível como de apropriação e pertença por um determinado grupo”, ora como “um espaço limitado para uso de determinado grupo”. Essas duas formas de encarar os lugares de frequência homossexual refletiriam em dinâmicas antagônicas: uma que os perceberia como espaços de segurança e outra que evidenciaria a segregação espacial em outras áreas da cidade pelas quais as pessoas do “gueto” estariam proibidas de circular. Essas são disposições interessantes para pensar a continuidade do “gueto” como forma de sociabilidade entre pessoas LGBT, principalmente nas grandes cidades.

Por último, os textos de Facchini, França e Braz (2014) e de França, Facchini e Gregori (2016) são uma revisão e um mapeamento de trabalhos em Antropologia que lidaram diretamente com sexualidade, sociabilidade e mercado, no primeiro caso, e produções que articularam a cidade aos estudos de gênero e sexualidade no Brasil, no caso do segundo. Em ambos há um exercício de rastrear as formas de entendimento que partem das sexualidades contra-hegemônicas, como é o caso das homossexualidades, ou de experiências de identidades não cisgênero, como é o caso, por exemplo, das travestilidades e transexualidades. Estes dois últimos artigos também apresentam trabalhos que têm nos espaços dos bares e boates LGBT uma parte importante não apenas da pesquisa de campo, mas da análise, porque permitiam colocar em perspectiva os fatores que levavam as pessoas interlocutoras a experimentarem tais lugares (e viverem aquilo como exercício de *coming out*), uma vez que para a minha geração, por exemplo, uma parte importante da escrevivência como LGBT dava-se na rua, no “meio gay” (Ribeiro; Rodrigues, 2012).

VI

Aqui apresento algumas questões levantadas em “The coronavirus is testing queer culture”, de Spencer Kornhaber (2020), escrito para *The Atlantic* em junho de 2020. Logo de início, o autor da matéria diz: “em outras palavras, o orgulho não foi feito para o distanciamento social”. E ainda complementa com: “a comunidade LGBTQ muitas vezes foi definida exatamente pelo que agora é reprimido pelo coronavírus:

o prazer da reunião” (tradução minha). Nesses breves trechos, Kornhaber ratifica o que apresentei na seção anterior: a forma como a comunidade LGBT estabelece seu direito à existência tem relação direta com as formas como vivencia a cidade – seja na rua, na praça ou na boate (Ribeiro; Rodrigues, 2012). Isso está presente nos debates acadêmicos e em outros modos de observação da vida social, como o jornalismo, por exemplo – além dos romances e filmes, como apontam Johnson e Summers (2015).

A vida do amigo *gay* mais velho de @Pavinatto teve a ver diretamente com esse ordenamento espacial que entendia o espaço público como um lugar de “frequência e segurança” (Puccinelli, 2014, p. 171) que garantia sua identificação com a comunidade LGBT. Assim, de maneira similar, acontece com Roberto, o vizinho *gay* de @Maucarvalho: “a bicha que saía de noite e voltava de madrugada”. Essas duas histórias cruzam perspectivas de sociabilidade que foram quebradas pela dupla epidemia/pandemia, do HIV/aids e de covid-19, em espaços e temporalidades distantes cerca de 25 anos, mas que reificam o confinamento pelo qual essa população em vulnerabilidade está passando. Como ainda diz Kornhaber (2020, tradução minha): “reuniões *queer* são uma rejeição do isolamento *queer*: de se esconder no armário, de acreditar que se está sozinho na própria identidade, de temer que abraçar a verdade resulte em dano físico”. No entanto, durante a pandemia, foram adotadas formas de evitar danos maiores pela contaminação, como “espaços de sociabilidade online, com versões virtuais de eventos regulares, como paradas e festas, além de grupos de apoio para aqueles que sofrem pre-

conceito em casa” (Lima, 2020). Porém, estes não se mostram suficientes, como venho argumentando.

Os dois casos relatados nas primeiras seções são bastante emblemáticos se partimos da ideia de que no primeiro é a perda (das pessoas amigas, dos recursos e afins), o luto e a repetição dos mesmíssimos acontecimentos (distanciamento, isolamento e confinamento direcionados às populações em vulnerabilidade) que refazem o trajeto de memórias e associações dos dois momentos epidêmicos/pandêmicos pelo amigo de @Pavinatto. No segundo caso, a reclusão já fazia parte do cotidiano de Roberto devido à cegueira, mas a pandemia de covid-19 trouxe um complicador a mais, pois o confinamento duplicou porque o mundo parou e ele ainda perdeu a cuidadora, que era alguém que também precisava de cuidados. Vimos aí uma sobreposição de cuidados, uma pessoa com câncer cuidando de alguém cego, e uma pergunta que fica: quem estava cuidando de quem, afinal? Roberto, como vimos, recusava a ideia do confinamento, mas não podia ir muito longe, porque contava apenas com a rede de solidariedade do condomínio, nada além disso; nem família, parentes e amigas/os integravam sua rede de cuidados.

Nos anos 1980, com o surgimento do HIV/aids, o pânico moral deslocou para a população LGBT, principalmente para os homens *gays*, o estigma da “peste gay”, que conformou o preconceito e a discriminação na chave do “problema de saúde pública” (Miskolci, 2007, p. 108). A partir dessa data, houve a necessidade dos grupos se reconfigurarem e se alinharem à lógica liberal pelos direitos civis, recrudescerem as bases essencialistas das identidades e desvalorizarem “os

aspectos ‘marginais’ das vivências gays e lésbicas em benefício de objetivos assimilacionistas” (p. 108). Ou seja, pararam de frequentar os guetos e evitavam situações em que pudessem se contaminar.

Há algo semelhante aí? Acredito que sim. No entanto, se não temos mais um grupo específico como outrora, para ser transformado em bode expiatório; com a pandemia de covid-19, vimos outros grupos sendo perseguidos, e assim ampliamos os “grupos de risco”: pessoas negras, pessoas pobres, moradoras de periferia, pessoas sem instrução escolar formal, pessoas encarceradas, moradoras das cidades do interior e/ou quaisquer outras que performam vulnerabilidades foram colocadas em suspeição – sob a suspeita de serem potenciais agentes transmissores do coronavírus e de não atenderem de forma correta as determinações das organizações de saúde. Os contextos são distantes espaço-temporalmente, mas as práticas de estigmatização dos “outros” ainda encontram técnicas eficazes de reprodução.

Para finalizar, em 7 de janeiro de 2021, o psicólogo Veriano Terto Jr., em publicação no *site* da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia), instituição brasileira historicamente reconhecida no combate à epidemia de HIV/aids, apontou possíveis encruzilhadas e distanciamentos sobre a dupla epidemia/pandemia:

As duas epidemias apresentam várias diferenças entre elas, mas também muitas semelhanças e paralelos. Sem querer aprofundar aqui esta comparação, as diferenças estão resumidamente relacionadas às vias de infecção e formas

de adoecimento e tratamento. Por exemplo, a COVID 19 tem cura para um número significativo de pessoas, diferentemente da infecção pelo HIV. Por outro lado, ambas as epidemias têm sua disseminação influenciadas pela desigualdade social, por decisões políticas equivocadas (como o negacionismo), juízos de valor estigmatizantes (como aquele que iguala AIDS à “doença de gay”; ou a COVID 19 a um vírus chinês), entre outros (Terto Jr., 2021).

Em termos de contribuição, Terto Jr. aponta que a resposta à covid-19 pode vir das “lições advindas da aids”, como a continuação da prioridade do trabalho com HIV, porque os casos continuam crescendo e atingindo as populações mais vulneráveis; a melhoria do acesso à saúde (individual e coletiva); a atuação no campo preventivo de forma criativa e em diálogo com as pessoas acometidas pelo vírus, sem negacionismos e com informações corretas e atualizadas; a mobilização do campo da assistência, do tratamento e cuidado como formas de garantir estudos que possam ser transformados em medicamentos e vacinas; e, por fim, a promoção dos direitos humanos e da saúde pública para toda a população. Essas são as lições. Poderosas lições que ainda estamos aprendendo.

Referências

ACHILLES, Nancy. Le développement du bar homosexuel comme institution. *Genre, sexualité et société*, hors-série, n. 1,

p. 1-11, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/gss.1743>. Acesso em: 3 jul. 2021.

CARVALHO, Maurício. *Há dois meses eu fiz uma postagem aqui* [...]. Recife, 15 ago. 2020a. Twitter: @Maucarvalho. Disponível em: <https://twitter.com/Maucarvalho/status/1294531080293355521>. Acesso em: 3 jul. 2020.

CARVALHO, Maurício. *Um dos moradores aqui do prédio é gay* [...]. Recife, 17 jun. 2020b. Twitter: @Maucarvalho. Disponível em: <https://twitter.com/Maucarvalho/status/1273155814518292480>. Acesso em: 3 jul. 2020.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância; NUNES, Isabella (org.). *Escrevivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 99-140, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420099>. Acesso em: 3 jul. 2021.

FRANÇA, Isadora Lins; FACCHINI, Regina; GREGORI, Maria Filomena. Ville et différence: les études sur l'érotisme et la diversité sexuelle et de genre au Brésil. *Brésil(s)*, n. 9, p. 1-17, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/bresils.1773>. Acesso em: 3 jul. 2021.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JOHNSON, Matthew; SUMMERS, Claude. Gay and lesbian bars. *GLBTQ Archive*, [online], 2015. Disponível em: http://www.glbtcarchive.com/ssh/gay_lesbian_bars_S.pdf. Acesso em: 3 jul. 2021.

KORNHABER, Spencer. The coronavirus is testing queer culture. *The Atlantic*, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/culture/archive/2020/06/how-quarantine-re-shaping-queer-nightlife/612865/>. Acesso em: 3 jul. 2021.

LIMA, Juliana. Orgulho LGBTI: os encontros e expressões em meio a pandemia. *Nexo*, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/06/19/Orgulho-LGBTI-os-encontros-e-express%C3%B5es-em-meio-%C3%A0-pandemia>. Acesso em: 3 jul. 2020.

PAVINATTO, Tiago. Bello ciao, bello ciao, bello ciao, ciao, ciao. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 abr. 2020a. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/bello-ciao-tiago-pavinatto/>. Acesso em: 18 maio 2023.

PAVINATTO, Tiago. *Um amigo meu, também gay* [...]. São Paulo, 17 abr. 2020b. Twitter: @Pavinatto. Disponível em: <https://twitter.com/Pavinatto/status/1251109124672229376>. Acesso em: 3 jul. 2021.

PUCCINELLI, Bruno. Como encontrar um “gueto gay”: possibilidades analíticas de uma expressão controversa. *Gênero na Amazônia*, Belém, n. 6, p. 165-182, jul./dez. 2014. Disponível em: https://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-6/artigos/8_Como_Encontrar_um_Gueto_Gay.pdf. Acesso em: 3 jul. 2021.

RIAL, Carmen. Roubar a alma: ou as dificuldades da restituição. *Tessituras*, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 201-212, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/4879/3768>. Acesso em: 3 jul. 2021.

RIBEIRO, Mílton. A etnografia urbana, o isolamento e as pesquisas em sexualidades em tempos de covid-19: um olhar partindo da Amazônia. *Novos Debates*, Brasília, DF, v. 5, n. 1-2, p. 103-115, 2019. Disponível em: [http:// abant2.hospedagem-desites.ws/novos_debates/wp-content/uploads/2020/09/F4.-Mi%CC%81lton-Ribeiro.pdf](http://abant2.hospedagem-desites.ws/novos_debates/wp-content/uploads/2020/09/F4.-Mi%CC%81lton-Ribeiro.pdf). Acesso em: 3 jul. 2021.

RIBEIRO, Mílton. Prefácio. In: CARDOSO, Denise; BANDEIRA NETTO, Felipe (org.). *60 dias de isolamento: uma interpretação sobre o viver e sentir durante a pandemia*. Belém: Gato Ed, 2021. p. 12-19. Disponível em: <https://editoragatoed.com.br/ebooks/60-dias-de-isolamento.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2021.

RIBEIRO, Mílton; RODRIGUES, Carmem Izabel. Na rua, na praça, na boate. *Ponto Urbe*, [s. l.], n. 11, p. 1-22, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.365>. Acesso em: 3 jul. 2021.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Ed., 2017. p. 62-128.

TERTO JR., Veriano. Como o movimento social de AIDS pode contribuir no enfrentamento da Covid-19? *Abia*: Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, Rio de Janeiro, 7 jan. 2021. Disponível em: <https://abiaids.org.br/como-o-movimento-social-de-aids-pode-contribuir-no-enfrentamento-da-covid-19-algumas-consideracoes/34501>. Acesso em: 3 jul. 2021.

WESTON, Kath. *Families we choose: gays, lesbians, and kinship*. New York: Columbia Press, 1991.